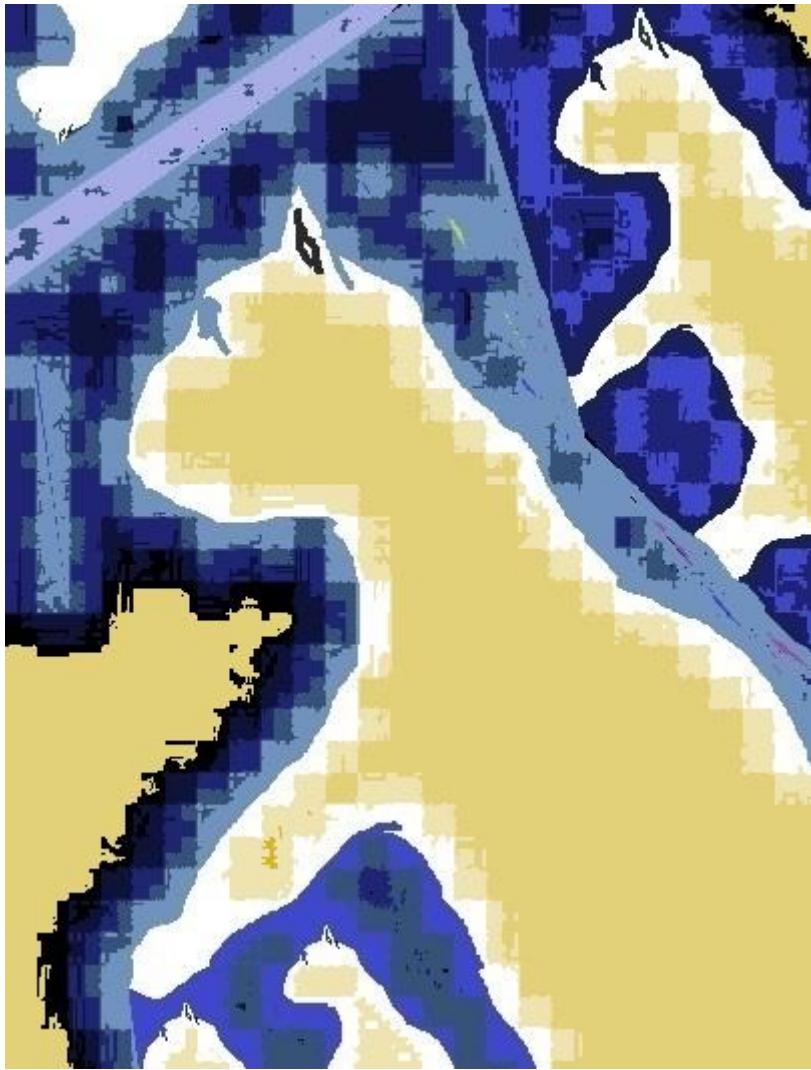


OS FELINOS SOB A ÓTICA ESPIRITUAL



Luiz Guilherme Marques

“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”

(Jesus Cristo)

“Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos.”

(André Luiz)

“Cada espécie de seres, do cristal até o homem, e do homem até o anjo, abrange inumeráveis famílias de criaturas, operando em determinada frequência do Universo. E o amor divino alcança-nos a todos, à maneira do Sol que abraça os sábios e os vermes.

Todavia, quem avança demora-se em ligação com quem se localiza na esfera próxima.

O domínio vegetal vale-se do império mineral para sustentar-se e evoluir.

Os animais aproveitam os vegetais na obra de aprimoramento.

Os homens se socorrem de uns e outros para crescerem mentalmente e prosseguir adiante...”

(André Luiz)

ÍNDICE

Introdução

Primeira Parte: os “*animais de poder*” no Xamanismo

Capítulo I – As noções no Egito antigo

1 – Felinos na Religião egípcia

2 – As deusas Mafdet, Bastet e Sekhmet

Segunda Parte: os animais segundo André Luiz

Capítulo I – Animais em “*Nosso Lar*”

Capítulo II – Animais em “*Libertação*”

1 – Episódio de licantropia

2 – Árvores estranhas

Terceira Parte: os animais no livro de Bozzano

Capítulo I – A visita de um animal desencarnado a um homem

Quarta Parte: nossa experiência com animais desencarnados

Capítulo I – Sintonia com leões

1 – A revelação

2 – Muitos trabalhos espirituais realizados

Quinta Parte: nossa experiência com um leão

Capítulo I – Felinos encarnados participando de trabalhos espirituais

1 – A explicação para as 16 horas diárias de sono

Conclusão

INTRODUÇÃO

Apesar de sabermos da nossa mediunidade de psicografia, que alguns poderão chamar de intuitiva, vamos assinar este livro em nome próprio, a fim de melhor podermos afiançar aos prezados leitores sobre a confiabilidade das informações que aqui ser-lhes-ão repassadas, porque, na verdade, há uma desconfiança, no meio espírita, quanto ao tema que iremos abordar.

Todavia, é necessário que todos os temas sejam tratados, porque Jesus afirmou: *“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”*

Não se deve ter medo da Verdade, seja ela qual for, porque ela liberta-nos da ignorância, da desinformação, dos tabus e da ancestral intimidação que a Igreja Romana impôs à nossa memória espiritual no período medieval europeu, que repercute até hoje no nosso psiquismo individual e coletivo, fazendo com que determinados temas sejam colocados à margem, enquanto que é necessário aprendermos mais coisas sobre a Natureza e as Leis Divinas, a fim de podermos evoluir espiritualmente.

Allan Kardec, Léon Denis e outros, mas, sobretudo, através das mediunidades de Chico Xavier, Yvonne do Amaral Pereira e Divaldo Pereira Franco é que o Espiritismo avançou muito mais, pois, senão, teria ficado estacionário e restrito às noções básicas apresentadas, sobretudo, por Allan Kardec e os Espíritos Superiores que o orientaram.

Como dito, as pessoas em geral têm receio da Verdade, porque é preciso muita coragem para afirmá-la e desapego dos interesses materiais para dizê-la publicamente, pois quem assume esse papel, na certa, perderá muito prestígio no meio da maioria de intimidados e omissos, que sempre marginalizam os corajosos cultores da Verdade, tal como aconteceu com o próprio Allan Kardec, que, de professor emérito, passou a ser considerado como louco declarado pela maioria dos seus compatriotas e contemporâneos.

Quanto a Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco, ainda hoje, são apodados, por alguns espíritas conservadores, por causa de determinadas afirmações que fizeram.

Mas, como não temos receio algum da Verdade, uma vez que o desapego dos interesses terrenos nos dá a coragem necessária para afirmá-la de público, vamos abordar este tema, objeto deste livro, como dissemos, assinando em nome próprio, apesar de sabermos que estamos sendo intuído por aqueles Espíritos desencarnados que, nesta encarnação, têm-nos dirigido o trabalho na psicografia.

O tema que aqui é abordado desagrada à maioria dos espíritas, como dito, que é o contato dos encarnados com os Espíritos desencarnados de seres que estagiam na fase animal, mas tudo que afirmamos está embasado em duas fontes: 1 - em autores espirituais como André Luiz e 2 - na nossa própria mediunidade.

Não há tantos autores espíritas que estudam este assunto, mas a progressividade da Revelação Espiritual é uma regra que não tem exceções e em nome dela falaremos.

Mas, para quem poucas informações tem sobre o assunto, inclusive sob o aspecto estritamente material, vamos transcrever o que a Wikipédia registra em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Felinos>:

“Os felídeos, também conhecidos por felinos (latim científico: Felidae) constituem uma família de animais mamíferos digitígrados, da ordem dos carnívoros, dos quais o mais conhecido é o gato.

Os felinos evoluíram no Eocênico a partir do grupo Viverravidae, que também deu origem às civetas, hienas e aos extintos nimravídeos. O primeiro verdadeiro felino foi o Proailurus que viveu na Europa há cerca de 30 milhões de anos. Já no Miocénico, o Proailurus deu origem ao gênero Pseudaelurus que se diversificou em dois grupos: a subfamília Machairodontinae, que inclui os chamados tigres-dente-de-sabre e Schizailurus, o ancestral da

família Felidae, que surgiu há mais de 18 milhões de anos.

O primeiro grupo moderno de felinos a surgir foi a subfamília Acinonychinae, que inclui as chitas modernas (género Acionyx) e a chita norte-americana (género Miracionyx) atualmente extinta.

*A subfamília Felinae, que agrupa os gatos domésticos, surgiu há cerca de 12 milhões de anos. Os lince surgiram na América do Norte há cerca de 6,7 milhões de anos e daí expandiram-se para a Europa e Ásia. A primeira espécie reconhecida do género Lynch na Europa é o *L. issiodorensis* que viveu há 4 milhões de anos e que era maior que os lince atuais, mas com patas relativamente mais curtas.”*

Que Jesus nos abençoe nesta nossa empreitada e bem assim nosso Pai Celestial, que criou o Universo, formado por todos os seres que a Ciência materialista classifica em animados e inanimados, sendo, porém, na verdade, todos animados de vida, mais ou menos explícita aos olhos materiais dos humanos encarnados.

Que essas bênção se estendam a todos os leitores corajosos e interessados em conhecer mais esta faceta da Verdade, que liberta da ignorância e do primitivismo espiritual.

**PRIMEIRA PARTE: OS
“*ANIMAIS DE PODER*”
NO XAMANISMO**

CAPÍTULO I – AS NOÇÕES NO EGITO ANTIGO

Não iremos fazer uma exposição extensa sobre a Religião no Egito antigo, principalmente baseada nas pesquisas dos historiadores materialistas, porque eles próprios não conhecem o assunto em profundidade, ou seja, identificando os pontos básicos, todos voltados para a espiritualidade, uma vez que esses cientistas da religiosidade apenas captaram os aspectos exteriores do pensamento religioso egípcio, catalogando os dados da crença ensinada ao povo, mas totalmente diferente dos verdadeiros conhecimentos acessíveis apenas aos sacerdotes mais graduados.

Havia, portanto, duas formas de religiosidade: a exotérica e a esotérica.

Moisés, por exemplo, como filho da princesa Termutis, aprendeu a Ciência Esotérica e, a partir daí, somando outras revelações que recebeu do mundo espiritual superior, estabeleceu as bases do monoteísmo hebraico, que, posteriormente, veio a formar a essência do Judaísmo.

Compreendamos a realidade dos acontecimentos e planejamentos do progresso terrestre, tudo isso que não consta, pelo menos de forma clara, nos compêndios comuns de História da religiosidade no planeta.

Tenhamos certeza absoluta de que tudo que acontece de mais importante na Terra é programado por Jesus, como seu Sublime Governador e Mestre.

Quanto ao Xamanismo, trata-se de uma corrente filosófica que surgiu em épocas remotas da humanidade, a qual visa, como todas as demais, o conhecimento da Verdade.

Aproveitaremos aqui algumas noções por ele divulgadas, porque é uma das poucas que realmente aprofunda a questão da vida animal em termos espirituais, devendo-se esclarecer que os conhecimentos dos sacerdotes egípcios eram xamânicos.

1 – FELINOS NA RELIGIÃO EGÍPCIA

Não é por acaso que Emmanuel afirmou que os felinos, juntamente com os caninos, equinos etc., estão próximos da transição para a fase humana.

Desde os tempos do Egito antigo essa família animal vem sendo valorizada por todos os que sabem da sua superioridade evolutiva frente à maioria das outras famílias animais.

Assim é que, para efeito da religiosidade exotérica, foram impingidas algumas deusas com essa identificação.

Mencionamos abaixo três delas, que, na verdade, não representam a totalidade, mas apenas aquelas registradas pelos historiadores atuais.

Todavia, os próprios Espíritos encarnados ou desencarnados viventes nessa faixa evolutiva eram aproveitados em trabalhos espirituais, ficando conhecidos como alguns dos “*animais de poder*”, ou seja, aqueles que acompanham os humanos em serviços espirituais.

2 – AS DEUSAS MAFDET, BASTET E SEKHMET

Os registros dos historiadores materialistas circunscrevem-se, como dito acima, aos aspectos da religiosidade exotérica, ou seja, ensinada ao povo, mas sem nenhuma correspondência com os conhecimentos dos sacerdotes mais graduados.

Naqueles tempos remotos não era possível ensinar à maioria da humanidade, formada de Espíritos recém saídos da fase sub humana, as grandes verdades sobre Deus, o Espírito e outras noções, que, somente com o decurso de muitos milênios, seriam compreendidas, sendo que, aliás, até o presente momento, a humanidade da Terra ainda vive o primarismo espiritual, incapaz de entender esses grandes temas, inclusive a reencarnação, a evolução através dos Reinos da Natureza, a pluralidade dos mundos habitados etc. etc.

Vejamos, porém, apenas a título de ilustração, o que a Wikipédia registra sobre três deusas identificadas popularmente com felinos, sabendo-se que, na verdade, eram Espíritos Guias, encarregados de tarefas no Bem, como atualmente as pessoas depositam confiança nos santos, assim identificados no mundo católico, nos *sadus* e gurus do Hinduísmo e Budismo, nos Espíritos Superiores no Espiritismo etc. etc.:

MAFDET

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mafdet>)

“Nos primórdios da mitologia egípcia Mafdet era uma deusa associada à justiça e ao poder real. O seu nome significa provavelmente 'a corredora'.

Era representada como um animal que ainda não foi possível identificar, sendo talvez uma pantera, um gato almiscarado (civeta) ou mangusto) subindo por um bastão onde havia uma lâmina amarrada por uma corda.

É provável que esta tenha sido a arma usada para decapitação nos primórdios. Em cenas do Novo Império ela é vista como o carrasco das criaturas malignas.

Este instrumento era usado na aplicação da justiça, estando assim Mafdet ligada ao aspecto punitivo da justiça.

Mafdet era a deusa da justiça legal ou possivelmente da execução, mas também era associada à proteção dos aposentos do rei e de outros locais sagrados, e ainda com a proteção contra animais venenosos, que eram vistos como transgressores da lei de Ma'at.

É uma deusa bastante antiga, que já era adorada no tempo da I Dinastia (Época Tinita).

Nos Textos das Pirâmides (meados do III milênio a.C.), assassina com as suas garras a serpente Apofis. Acreditava-se que a deusa combatia os escorpiões e as serpentes com as suas garras afiadas.

Para além deste aspecto feroz, Mafdet tinha igualmente um lado benéfico, sendo invocada para afastar as picadas dos escorpiões e das serpentes. Era por isso chamada de "Senhora da Casa da Vida", uma referência ao local onde se curavam os doentes no Antigo Egito. A deusa era também encarada como protetora do faraó.

Essa deusa foi muito importante durante o reinado do faraó Den, da primeira dinastia, sua figura aparece em fragmentos de vasos de pedra da tumba deste faraó e é mencionada numa introdução dedicatória na Pedra de Palermo.

Ela também é mencionada nos Textos das Pirâmides do Antigo Império como protetora do deus sol Ra, contra cobras venenosas.

Representações

Artisticamente, Mafdet é mostrada como um felino, uma mulher com cabeça de felino ou um felino com cabeça de mulher, algumas vezes com os cabelos trançados cujas pontas terminam em caudas de escorpião. Algumas vezes ela é representada com um enfeite de cabeça feito de cobras.

Também temos Mafdet como um felino correndo ao lado do grupo responsável por uma execução. Era dito que Mafdet arrancava o coração dos malfeitores, colocando-os aos pés do faraó, da mesma forma que os gatos domésticos fazem quando deixam aos pés do dono, roedores ou pássaros que caçaram.

Durante o Novo Império, Mafdet podia ser vista no salão dos julgamentos em Duat, onde os inimigos do faraó eram decapitados pelas garras de Mafdet.

Seu culto foi substituído, mais tarde, pelo de Bast, outra deusa-gato e uma guerreira leoa, Sekhmet, que era vista como protetora do faraó. Sua imagem felina permaneceu associada com os faraós, inclusive em seus bens pessoais e até mesmo na cama sobre a qual sua múmia era colocada.

BASTET

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bastet>)

“Na mitologia egípcia, Bastet, Bast, Ubasti, Ba-en-Aset ou Ailuros (palavra grega para "gato") é uma divindade solar e deusa da fertilidade, além de protetora das mulheres grávidas. Também tinha o poder sobre os eclipses solares. Quando os gregos chegaram no Egito, eles associaram Bastet com Ártemis e ela deixou de ser a deusa do sol para ser a deusa da lua.

A deusa está presente no panteão desde a época da II dinastia. Era representada como uma mulher com cabeça de gato, que tinha na mão o sistro, instrumento musical sagrado. Por vezes, tinha na orelha um grande brinco, bem como um colar e um cesto onde colocava as crias. Podia também ser representada como um simples gato.

Por vezes é confundida como Sekhmet, adquirindo neste caso o aspecto feroz de leoa. Certa vez, Rá ordenou a Sekhmet que castigasse a humanidade por causa de sua desobediência. A deusa, que é representada com cabeça de leoa, executou a tarefa com tamanha fúria que o deus Rá precisou embebedá-la com vinho, pela semelhança com sangue, para que ela não acabasse exterminando toda a raça humana.

O seu centro de culto estava na cidade de Bubástis, na região oriental do Delta do Nilo. Nos seus templos foram criados gatos que eram considerados como encarnação da deusa e que eram por essa razão tratados da melhor maneira possível. Quando estes animais morriam eram mumificados, sendo enterrados em locais reservados para eles.”

SEKHMET

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sekhmet>)

“Na mitologia egípcia Sekhmet, Sachmet, Sakhet, Sekmet ou Sakhmet ("a poderosa") é a deusa da vingança e das doenças. O centro de seu culto era na cidade de Mênfis.

Muitas vezes é confundida com Bastet, embora tenha outra conotação neste caso (ampliar a descrição).

Sua imagem é uma mulher coberta por um véu e cabeça de leão. Muito temida no antigo Egito, sendo ela o símbolo da punição de Rá.

Rá, o Deus-Sol enviou Sekhmet (um possível aspecto mau de Hathor) para destruir os humanos que conspiravam contra ele.

História

Possui força e coragem, e tem como missão proteger o deus Rá e o faraó.

Certa vez, Rá ordenou a Sekhmet que castigasse a humanidade por causa de sua desobediência. A deusa executou a tarefa com tamanha fúria que o deus Rá precisou embebedá-la com vinho, pela semelhança de sua cor com sangue, para que ela não acabasse exterminando toda a raça humana.

E uma das formas da deusa Hathor, que abraçou o deus Rá, absorvendo sua força, e sob a aparência de uma leoa desceu à terra para destruir a humanidade.

A Lenda

Conta-se que Rá cansou-se dos pecados dos homens então criou a deusa para punir aqueles que deviam ser punidos. No entanto Sekhmet não teve controle, portanto matou a sangue frio homens de bem e suas famílias. Desesperados, os seguidores de Rá pediram ajuda ao deus, mas esse não pode ajudar.

Então, os egípcios tiveram a ideia de fazer uma bebida da cor do sangue e embebedaram a deusa. Sendo assim ela adormeceu e pode ser recolhida por Rá.

Poderes

Ela é a patrona dos médicos e traz a cura para os males que ela própria disseminou pelo mundo.

Culto

Venerada nos santuários de Mênfis como esposa de Ptah.

Iconografia

Representada por uma mulher com cabeça de leoa.

Família

Seu marido era Ptah (posteriormente Ptah-Seker) e com ele o filho Nefertem.

Signo

As pessoas nascidas sob o signo de Sekhmet são ousadas e corajosas. Adoram enfrentar novos desafios, mas pecam pela falta de obstinação. Aliás, é comum iniciarem algum projeto animadamente e o abandonarem justamente quando ele começa a dar frutos, ou seja, quando deixa de representar um risco e se torna previsível. Isso também se aplica aos relacionamentos: a paixão é sua grande busca. Exuberantes, enérgicas, um tanto autoritárias, as pessoas de Sekhmet precisam aprender a arte da diplomacia e da tolerância. Também é importante que controlem a agressividade, pois essa característica pode assumir proporções extremas.”

**SEGUNDA PARTE: OS
ANIMAIS SEGUNDO
ANDRÉ LUIZ**

CAPÍTULO I – ANIMAIS EM “NOSSO LAR”

André Luiz é explícito, no seu livro “Nosso Lar” no que diz respeito à presença naquela colônia espiritual de animais desencarnados.

Não iremos pensar, portanto, que esses seres não são utilizados para atividades no Umbral, uma vez que aquela colônia está localizada nessa região.

O emprego de animais desencarnados em atividades socorristas no Umbral faz parte da rotina das equipes de resgate.

Não será qualquer família animal que se prestará a esse tipo de trabalho, mas sim aquelas adequadas, como os grandes felinos, os cães de porte avantajado etc. etc.

André Luiz evitou estender-se em detalhes, esclarecemos aqui aos prezados leitores, porque, mesmo restringindo-se ao mínimo, Chico Xavier foi taxado por muitos confrades como obsidiado, tão logo surgiram os livros da série “Nosso Lar”, segundo afirmou Yvonne do Amaral Pereira.

Imagine-se se relatasse aspectos reais do que viu e viveu na sua passagem pelo Umbral e nos trabalhos socorristas de que participou posteriormente, sendo certo que muitos recusariam sumariamente seus livros e nenhum resultado se obteria com seus relatos.

Mas é necessário que as revelações continuem, pois a progressividade da Verdade obriga sempre a alguém se expor publicamente para identificá-la aos olhos atônitos da maioria, que vive a rotina do ganha-pão e da religiosidade primária.

Assim é que as questões abordadas neste livro podem assustar a alguns misoneístas, mas não podem deixar de ser faladas, aliás, com base nos Orientadores mais abalizados que encontramos e apenas uma ou outra fala baseada na nossa própria vivência mediúnica.

Todavia, confiamos na racionalidade da maioria dos prezados leitores e sabemos que admitirão como verdadeiras as nossas falas.

CAPÍTULO II – ANIMAIS EM “LIBERTAÇÃO”

André Luiz descreve uma cidade localizada nas Trevas. Atentemos para alguns aspectos, principalmente a referência a animais. A narrativa, neste ponto, refere-se aos arrabaldes da mencionada urbe:

“Que empório extravagante era aquele? algum país onde vicejassem tipos sub-humanos? Eu sabia que semelhantes criaturas não envergavam corpos carnis e que se congregavam num reino purgatorial, em benefício próprio; entretanto, vestiam-se de roupagens de matéria francamente imunda. Lombroso e Freud encontrariam aí extenso material de observação. Incontáveis tipos que interessariam, de perto, à criminologia e à psicanálise. Vagueavam absortos, sem rumo. Exemplares inúmeros de pigmeus, cuja natureza em si ainda não posso precisar, passavam por nós, aos magotes. Plantas exóticas, desagradáveis ao nosso olhar, ali proliferam, e animais em cópia abundante, embora monstruosos, se movimentavam a esmo, dando-me a ideia de seres acabrunhados que pesada mão transformara em duendes. Becos e despenhadeiros escuros se multiplicavam em derredor, acentuando-nos o angustioso assombro.”

Mais adiante, identificando a região central da metrópole, diz (atentemos para a menção a animais):

“Subimos, dificilmente, a rua íngreme e, em pequeno planalto, que se nos descortinou aos olhos espantadiços, a paisagem alterou-se.

Palácios estranhos surgiam imponentes, revestidos de claridade abraseada, semelhante à auréola do aço incandescente.

Praças bem cuidadas, cheias de povo, ostentavam carros soberbos, puxados por escravos e animais.”

No episódio do maravilhoso reencontro entre Matilde e Gregório, André Luiz relata a chegada do terrível obsessor (atentemos para a utilização de animais):

“Alguns minutos se desdobraram apressados e Gregório, com algumas dezenas de assalariados, surgiu em campo, investindo-nos com palavrões que se caracterizavam pela dureza e violência. Os recém-chegados apareceram acompanhados de grande cópia de animais, em maioria monstruosos.”

Agora, os leitores podem formar uma ideia clara sobre a utilização de animais desencarnados para o Bem e para o Mal.

Concluiremos por informar que a responsabilidade perante a Justiça Divina pela utilização boa ou má desses nossos irmãos e irmãs ainda não adentrados na fase da racionalidade recai sobre quem lhes emprega a energia psíquica, pois eles próprios não podem responder pelos atos que são levados a praticar.

Assim como quem transforma um cão em verdadeira fera responde por isso, todo desvio que se imponha a outros seres fica por conta do indutor.

Entendamos isso claramente, para compreendermos os passos seguintes deste estudo, com a diferença única de que falaremos, a seguir, de encarnados comandando animais desencarnados ou encarnados em estado de sono físico.

Mas a diferença é nenhuma entre as duas situações, porque o que conta é o comando mental, igual entre desencarnados e encarnados.

Quando falarmos, portanto, logo adiante, nos nossos trabalhos espirituais auxiliados por um leão, não importando se está presentemente encarnado, mas durante seus períodos de desdobramento, ou se está desencarnado, os prezados leitores compreenderão que isso é natural e faz parte da ordem normal da realidade espiritual e não nos taxará de obsidiado, como muitos fizeram com relação a Chico Xavier.

1 – EPISÓDIO DE LICANTROPIA

André Luiz narra o desenrolar de um julgamento realizado por juízes das Trevas, do qual destacamos um caso de licantropia:

“Exasperado, o julgador bradou, colérico:

— Perdão? Quando desculpastes sinceramente os companheiros da estrada? onde está o juiz reto que possa exercer, impune, a misericórdia?

E incidindo toda a força magnética que lhe era peculiar, através das mãos, sobre uma pobre mulher que o fixava, estarecida, ordenou-lhe com voz soturna:

— Venha! venha!

Com expressão de sonâmbula, a infeliz obedeceu à ordem, destacando-se da multidão e colocando-se, em baixo, sob os raios positivos da atenção dele.

— Confesse! confesse! — determinou o desapiedado julgador, conhecendo a organização frágil e passiva a que se dirigia.

A desventurada senhora bateu no peito, dando-nos a impressão de que rezava o “confiteor” e gritou, lacrimosa:

— Perdoai-me! perdoai-me, ó Deus meu!

E como se estivesse sob a ação de droga misteriosa que a obrigasse a desnudar o íntimo, diante de nós, falou, em voz alta e pausada:

— Matei quatro filhinhos inocentes e tenros... e combinei o assassinio de meu intolerável esposo... O crime, porém, é um monstro vivo. Perseguiu-me, enquanto me demorei no corpo...

Tentei fugir-lhe através de todos os recursos, em vão... e por mais buscasse afogar o infortúnio em “bebidas de prazer”, mais me chafurdei no charco de mim mesma...

De repente, parecendo sofrer a interferência de lembranças menos dignas, clamou:

— Quero vinho! vinho! prazer!...

Em vigorosa demonstração de poder, afirmou, triunfante, o magistrado:

— Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas?

Em seguida, fixando sobre ela as irradiações que lhe emanavam do temível olhar, asseverou, peremptório:

— A sentença foi lavrada por si mesma! não passa de uma loba, de uma loba...

A medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto.

Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispirítico.

Em voz baixa, procurei recolher o ensinamento de Gúbio, que me esclareceu num cicio:

— O remorso é uma bênção, sem dúvida, por levar-nos à corrigenda, mas também é uma brecha, através da qual o credor se insinua, cobrando pagamento. A dureza coagula-nos a sensibilidade durante certo tempo; todavia, sempre chega um minuto em que o remorso nos descerra a vida mental aos choques de retorno das nossas próprias emissões.

E acentuando, de modo singular, a voz quase imperceptível, acrescentou:

— Temos aqui a gênese dos fenômenos de licantria, inextricáveis, ainda, para a investigação dos médicos encarnados. Lembra-te de Nabucodonosor, o rei poderoso, a que se refere a Bíblia? Conta-nos o Livro Sagrado que ele viveu, sentindo-se animal, durante sete anos. O hipnotismo é tão velho quanto o mundo e é recurso empregado pelos bons e pelos maus, tomando-se

por base, acima de tudo, os elementos plásticos do perispírito.

Notando, porém, que a mulher infeliz prosseguia guardando estranhos caracteres no semblante perguntei:

— Esta irmã infortunada permanecerá doravante em tal aviltamento da forma?

Finda longa pausa, o Instrutor informou, com tristeza:

— Ela não passaria por esta humilhação se não a merecesse. Além disso, se se adaptou às energias positivas do juiz cruel, em cujas mãos veio a cair, pode também esforçar-se intimamente, renovar a vida mental para o bem supremo e afeiçoar-se à influência de benfeitores que nunca escasseiam na senda redentora. Tudo, André, em casos como este, se resume a problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida.”

Apenas como observação paralela, transcrevemos o que a Wikipédia registra:

“No distúrbio psiquiátrico da licanthropia, acredita-se que exista um transtorno do senso de identidade própria segundo a definição de Scharfetter. É encontrado principalmente em transtornos afetivos e esquizofrenia, mas pode ser encontrado em outras psicopatias. Psicodinamicamente, pode ser interpretado como uma tentativa de exprimir emoções suprimidas, especialmente de ordem agressiva ou sexual, através da figura do animal, que pode ser muito variado (lobo, cachorro, morcego, cavalo, sapo, abelha etc.). A psicoterapia e/ou o uso de medicação neuroléptica podem se mostrar efetivos.”

Todavia, nesses casos, a solução definitiva é aquela lembrada no livro de André Luiz:

“Ela não passaria por esta humilhação se não a merecesse. Além disso, se se adaptou às energias positivas do juiz cruel, em cujas mãos veio a cair, pode também esforçar-se intimamente, renovar a vida mental para o

bem supremo e afeiçoar-se à influência de benfeitores que nunca escasseiam na senda redentora. Tudo, André, em casos como este, se resume a problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida.”

2 – ÁRVORES ESTRANHAS

Apenas para mostrar como a mentalidade dos encarnados em geral ainda está distante das condições mínimas de aceitação das realidades espirituais, transcrevemos abaixo uma passagem do livro “*Libertação*”, onde André Luiz, nas entrelinhas, afirma a degradação da forma a seres de aparência vegetal de alguns Espíritos dedicados ao Mal:

“Aquelas árvores estranhas, de frondes ressecadas, mas vivas, seriam almas convertidas em silenciosas sentinelas de dor, qual a mulher de Lot, transformada simbolicamente em estátua de sal?”

Se, nesse mesmo livro, relata, em vários pontos a realidade dos ovoides humanos, quem duvidará do retrocesso à forma dos vegetais?

Dizemos “*retrocesso à forma*”, porque a essência de toda criatura de Deus é luz, mas a forma pode degradar-se pela cristalização temporária no Mal.

Pensemos, portanto, nestas realidades todas e optemos pelo Bem, pois a Lei de Causa e Efeito não é cruel, mas impõe ordem ao Universo, dando a cada um segundo as suas obras, sem possibilidade de ludíbrio ou meias verdades.

**TERCEIRA PARTE: OS
ANIMAIS NO LIVRO DE
BOZZANO**

CAPÍTULO I – A VISITA DE UM ANIMAL DESENCARNADO A UM HOMEM

Ernesto Bozzano (1862 – 1943), o célebre cientista italiano, narra no seu livro traduzido para o português sob o título “*A Alma nos Animais*”:

"O senhor P. G. Leymarie (pai), diretor de La Revue Spirite, publicou em 1900 o fato seguinte, que retiro da Rivista di Studi Psicici (pág. 347):

“Em janeiro de 1887, a senhora Bosc, viúva de um conhecido engenheiro, estava sentada próximo da chaminé de nosso apartamento, no nº 7 da Rue de Lille, em Paris, no momento em que o conde De Lvoff, presidente da Alta Corte de Moscou, visitou-nos pela primeira vez. Nós o apresentamos à senhora Bosc e enquanto eu escrevia eles conversavam.

Num certo momento, a senhora Bosc disse: “Percebo ao lado de vocês um grande cão terra-nova branco, com as patas e as orelhas pretas e uma estrela preta na testa. Ele carrega ao redor do pescoço uma coleira de prata presa por uma pequena corrente que tem a inscrição “Sergei Lvoff” mais o nome do cão (que a vidente informou, mas que o senhor Leymarie esqueceu).

Ele tem uma bela cauda longa e está olhando para você, fazendo-lhe agrados”.

Com estas palavras, os olhos do senhor De Lvoff se encheram de lágrimas e ele disse:

“Na minha meninice eu era esperto e inquieto; meus pais me deram um cão para cuidar, exatamente como você descreveu.

Ele salvou minha vida mais de uma vez, tirando-me das águas do rio onde eu estava prestes a me afogar. Quando tinha doze anos perdi meu fiel amigo e lamentei a perda como se fosse um irmão. Então, sinto-me feliz em saber que ele está perto de mim, certo de que esses camaradas da nossa vida têm uma alma inteligente que sobrevive à morte do corpo e um corpo espiritual que pode restituí-lo

com a coleira e a inscrição. Posso, além disso, reconhecer em você uma médium de grande sensibilidade que despertou em mim uma lembrança de quarenta anos atrás. Obrigado, senhora, e que Deus a abençoe.”

A senhora Bosc observou o cão expressar grandes manifestações de alegria; depois foi se esvaecendo pouco a pouco.

Ora, não esperávamos de forma alguma o conde De Lvoff, o qual a senhora Bosc via pela primeira vez e nenhuma relação existia entre eles. Da minha parte, não sabia que o nome do senhor Lvoff era Sergei.”

Alguém duvida de que tais animais estejam ligados, desde tempos imemoriais, a determinadas pessoas, tanto quanto Jesus mantém um elo afetivo em relação a cada um dos seres que habita a Terra?

Sejamos razoáveis e de “mente aberta”.

Tudo que é novidade para certas pessoas, apesar de conhecidas de outras, costuma assustá-las e descartam essas realidades, normalmente, pelo receio de “ficarem mal vistas”.

Há, realmente, animais desencarnados ligados afetivamente a seres humanos reencarnados, tanto quanto esses animais estão ligados afetivamente aos animais afins reencarnados: o que isso tem de estranho?

E esses Espíritos sub-humanos podem ajudar seus “protetores” humanos reencarnados, pois sim!

Assim é que há quem os invoque mentalmente e receba auxílio de várias maneiras construtivas, dentro das possibilidades desses Espíritos em evolução, que também se tornarão “perfeitos, como vosso Pai, que está nos Céus, é Perfeito”.

Desde a mais remota Antiguidade isso é conhecido, daí surgindo a crença nos “deuses” e “deusas” representados por animais, como, por exemplo, no Egito antigo.

Avancemos, racionalmente, como recomendava Allan Kardec, mas sem “pavor”, as nossas noções sobre o mundo

espiritual, porque, em caso contrário, ficaremos com medo até de “*ver Espírito*”, como acontece com muitos confrades...

**QUARTA PARTE:
NOSSA EXPERIÊNCIA
COM ANIMAIS
DESENCARNADOS**

CAPÍTULO I – SINTONIA COM LEÕES

Quando André Luiz afirmou o tempo médio do percurso da fase do vírus ou bactéria até a humana primitiva como sendo de um bilhão e meio de anos não detalhou o período de cada etapa que vai de um extremo ao outro, mas poderia tê-lo feito, uma vez que apenas na fase humana, ou seja, depois desse um bilhão e meio de anos é que começa a diversificar-se o tempo de evolução de cada ser, justamente porque surge o livre arbítrio.

Há Espíritos que estão a milhões de anos insistindo no Mal, tanto quanto Jesus optou pelo Bem desde o começo da sua evolução na fase humana.

André Luiz também não identificou, no caso da vivência da fase sub humana, quais caminhos seguem os Espíritos, mas podemos deduzir algumas das reencarnações que tivemos na fase animal, como, por exemplo, no nosso caso específico, como membro da família dos grandes felinos, no caso, a espécie dos leões.

No caso da irmã a quem se impôs a licantropia, na certa, que vivenciou experiências como loba e seus registros mentais possibilitaram ao juiz das Trevas induzi-la ao retorno morfológico próximo daquela realidade passada.

Estão os prezados leitores de acordo com o que dizemos aqui?

Se apresentou-se à nossa vidência um leão como nosso companheiro nos trabalhos de socorro espiritual é porque nossa afinidade com essa família animal vem da época em que vivenciamos essa realidade na trajetória evolutiva.

Estamos cometendo alguma heresia? Pensemos nisso maduramente, sem medo de estudarmos a Verdade, a que Jesus se referiu: “*Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.*”

1 – A REVELAÇÃO

Chico Xavier disse que, quando a Terra ingressasse na categoria de mundo de regeneração, o contato entre encarnados e desencarnados seria facilitado pelos meios eletrônicos.

Efetivamente, alguns cientistas, dentre os quais Ernani Guimarães Andrade e Sonia Rinaldi, estudaram essa questão e o Instituto Brasileiro de Psicobiofísica é uma realidade.

**Todavia, temos a informar um caminho a mais para esse contato, que nos tem servido pessoalmente em inúmeras oportunidades, inclusive de socorro espiritual: trata-se do seguinte endereço da Internet:
<http://www.youtube.com/watch?v=7zse7zemMA4>**

Ali vimos, pela primeira vez, um leão, depois alguns outros; mais adiante apareceram pessoas desconhecidas e pessoas conhecidas; e, para resumir, podemos dizer que, através da imagem em movimento do referido vídeo, facilitou-se nossa comunicação com os Orientadores Espirituais, possibilitando muitas atuações socorristas.

É necessário que a pessoa que visualiza o referido vídeo seja médium focalizado no Bem para que os Orientadores Espirituais, utilizando o ectoplasma do médium, combinado com a energia elétrica do computador, possibilitem a materialização temporária de imagens, através das quais se transmitem as informações que eles querem nos passar, ficando outros detalhes por conta das induções mentais ao médium.

Eis aí uma ferramenta valiosa, que reduz o desgaste energético, por conta da energia elétrica da máquina.

Na certa que cada um irá identificar nesse vídeo uma parte da sua própria biografia como Espírito eterno, não havendo limitação, porém, como dito, o vídeo possibilita o contato espiritual para outras finalidades muito mais importantes, mas cada um irá encontrar ali o que merece.

2 – MUITOS TRABALHOS ESPIRITUAIS REALIZADOS

As necessidades das pessoas são as mais variadas, quase todas, porém, resultado da sua falta de objetivos espirituais na vida, o que lhes ocasiona doenças, depressão, angústia etc. etc.

Querem, na maioria das vezes, a cura do corpo, como aquele parálítico, que Jesus fez levantar do catre e foi comemorar através do retorno aos ambientes viciados e não como o cego de nascença, que tendo a visão recuperada, passou a anunciar a Mensagem de Jesus.

A maioria das pessoas que pede soluções a Deus e aos trabalhadores do Bem não quer auto reformar-se moralmente e, por isso, costumam defrontar-se, no futuro, com males ainda maiores.

Todavia, mesmo assim, os trabalhadores do Bem devem pedir a Deus autorização para minorar os sofrimentos alheios, porque essa é a tarefa que lhes compete, enquanto que Deus saberá identificar, para cada necessitado, a fórmula para sua evolução espiritual.

Muitos trabalhos no Bem surgem para quem tem o ideal de servir, contudo, sem aguardar resultado algum, pois cabe-lhes semear, mas a colheita pertence a Deus.

Nesses trabalhos, os servidores não devem apresentar-se sozinhos, mas acompanhados de Orientadores Superiores, bem como de Espíritos sub humanos, os quais desempenham funções inadequadas ou pesadas demais para os Espíritos humanos.

Como *“cada caso é um caso”*, o que deve ser feito é intuído pelos Orientadores Espirituais e, assim, muitos trabalhos podem ser realizados por aqueles que se dispõem a servir.

Tanto quanto Gúbio aceitou a incumbência de Matilde de resgatar Gregório e Margarida, como consta do livro *“Libertação”*, de André Luiz, somos sempre colocados na

posição de servir a pessoas que conhecemos e outras que nos são desconhecidas.

Afinal, como na “*parábola dos trabalhadores da última hora*”, ao sermos contratados pelo Senhor da Vinha não nos dizem o que temos de fazer na gleba, ficando implícito que é tudo que for aparecendo.

A contribuição de cada entidade animal se revela ao próprio médium, não se podendo estabelecer, de antemão, como ela atuará.

No nosso caso específico, essa criatura de Deus emite urros em direção à pessoa necessitada, com isso eliminando dela as impregnações negativas, utilizando o nosso ectoplasma nessa tarefa, o que nos debilita momentaneamente, mas a energia psíquica é repostada através do banho e da ingestão de um copo de água comum.

**QUINTA PARTE: NOSSA
EXPERIÊNCIA COM UM
LEÃO**

CAPÍTULO I – FELINOS ENCARNADOS PARTICIPANDO DE TRABALHOS ESPIRITUAIS

Não sabemos se o leão que conosco atua está encarnado ou desencarnado e isso não importa, pois, como os felinos dormem cerca de dezesseis horas por dia, pode muito bem ser o caso dele estar encarnado e, ao ser convocado para o trabalho, durma e venha em nosso apoio.

Devemos desligar-nos da noção de que os Espíritos encarnados fiquem amarrados ao corpo de forma que não poderiam desdobrar-se.

Vejamos um exemplo humano: Eurípedes Barsanulfo desdobrava-se várias vezes por dia e partia em socorro de necessitados.

O mesmo acontece com Espíritos viventes na fase animal, como no caso desses felinos.

O que conta, nos seres, é sua realidade espiritual: entendamos isso, para não ficarmos a repetir a falta de fé dos que em nada acreditam e quase nada conhecem da realidade espiritual.

A contribuição dos animais desencarnados existe e André Luiz mostra isso claramente.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que não importa se esses seres estão desencarnados ou encarnados.

Está difícil para os prezados leitores a aceitação dessa realidade? Então deixe este livro de lado e continue alheio ao assunto, porque não está preparado para conhecer essa faceta da Verdade, a qual “*liberta*”, como disse Jesus.

A Natureza, o mundo espiritual, o Universo – tudo é muito maior do que imagina nossa pobre mente racional, a qual, como consta em “*Libertação*”, não passa de quarenta milênios, o que representa muito pouco na Calendário Cósmico.

Há pessoas que têm dificuldade de aceitar essas realidades, porque são Espíritos muito jovens, despreparados ainda para esses conhecimentos mais avançados: não há problema: aguardem o futuro, em uma época em que sua

vivência e experiências lhes abrirão campo mental para a compreensão de realidades mais avançadas.

1 – A EXPLICAÇÃO PARA AS 16 HORAS DIÁRIAS DE SONO

Os materialistas e aqueles outros que desconhecem as realidades a que nos referimos neste livro pensam que os felinos são preguiçosos, pelo fato de dormitem muito, mas essa característica justamente lhes mostra a superioridade espiritual, pois reencarnam mais para servir em atividades espirituais do que materiais.

Não se trata de preguiça, mas de evolução, sendo, dos animais superiores, os mais próximos da transição para a fase humana.

CONCLUSÃO

O inusitado deste estudo é apenas aparente, pois, como os prezados leitores puderam constatar, quase tudo que afirmamos já foi revelado aos encarnados há muitas décadas, mas as pessoas em geral não atentam para certas verdades, abordadas ligeiramente nos livros de André Luiz e Emmanuel, lendo suas obras como se fossem romances comuns, ansiosas para terminarem a leitura e começarem outros livros.

Não se deve simplesmente ler obras como “*A Caminho da Luz*”, “*O Consolador*”, “*Paulo e Estêvão*”, os livros da série “*Nosso Lar*” e outros, mas estuda-las, pois há neles muito mais informações do que se consegue captar numa primeira leitura.

Esperamos ter contribuído para abrir a mente dos prezados leitores para uma das facetas da realidade espiritual, a qual não comporta apenas seres viventes na fase humana, mas também os das fases sub humanas.